

O NORTE

do

DISTRITO



QUINZENÁRIO de FIGUEIRO DOS VINHOS

Avença

Orgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

10 de Janeiro de 1973

Proprietário Dr. Ernesto Lacerda

Director: Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado

Chefe da Redacção: Prof. A. Paula Santos

ANO XXI — REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OPICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL — FIGUEIRO DOS VINHOS — TELEFONE 42 307 — N.º 481

O 20.º ANIVERSÁRIO DE O NORTE do DISTRITO

Com a publicação deste número completa «O NORTE DO DISTRITO» 20 anos de existência.

Recordamos emocionados o panorama político e social que no nosso concelho e propriamente na vila de Figueiro dos Vinhos se observava há duas décadas. Não vamos descrevê-lo, nem estabelecer termos de comparação, mas é particularmente grato lembrar a sublimidade de comunhão e sentimentos, a harmónica conjugação de esforços, a unanimidade de pensamento, que reinavam entre um punhado de bons figueiroenses, representando uma força naturalmente criada pela bondade, simpatia e prestígio irradiantes das suas íntegras e vincadas personalidades. Todos adivinham os nomes daqueles que constituíram essa plêiade de conterrâneos, alguns já de respeitada e saudosa memória, que tanto se empenharam em trazer acima dos interesses pessoais de incontidas vaidades e fraquezas humanas e talvez de convicções mal esclarecidas, o bem estar da colectividade, fazendo projectar, decisivamente, no futuro — que é agora o presente — empreendimentos, inicialvas e situações em que assentou, em grande parte, o progresso de que a nossa terra presentemente desfruta.

Foi dessa força, jámais nascida do músculo ou da prepotência, mas de serenitas e inequívocas demonstrações dos mais nobres sentimentos que, a par da significativa valorização da nossa terra, sob os mais variados aspectos, surgiu também a ideia, logo tornada realidade, da criação de «O NORTE DO DISTRITO».

Vinte anos depois, tenho na minha frente o primeiro exemplar deste jornal dado à luz da publicidade: a duas colunas, o editorial epigrafado, «Á GUIZA DE PROGRAMA», não vem chancelado, mas assevero que saiu da pena brilhante do seu ilustre Director.

Escrevia então o Sr. Dr. Alves Morgado:

Será nossa preocupação dominante dar o merecido relevo a tudo que diga respeito aos interesses do nosso concelho, agitando e discutindo os seus problemas as suas necessidades e as suas aspirações, no objectivo de contribuir para a sua melhor solução, e portanto, para o desenvolvimento e para o progresso de Figueiro dos Vinhos e da sua região.

Procuraremos esclarecer e orientar a opinião pública local, informando-a com justeza e objectividade, para que a verdade possa resplandecer e triunfar sobre a mentira, para que todos possam ter acerca desses problemas, necessidades e aspirações, uma visão real e quanto possível perfeita e não uma visão deformada pela ignorância dos factos, pelo errado conhecimento proveniente de deficientes ou suspeitas fontes de informação.

Este jornal será, portanto, o defensor intransigente de tudo quanto possa, por qualquer forma, interessar ao progresso do nosso concelho e ao bem estar da sua população.

Nas suas colunas se pugnará, com desassombro, serenidade e imparcialismo pela defesa dos interesses vitais do concelho, sem olhar a interesses ou influências particulares, e por isso mesmo, mesquinhos e egoístas, que terão de ceder perante o interesse público e colectivo.

Sem desfalecimentos, lutaremos pela satisfação justa e legítima das aspirações desta terra que a natureza dotou com belezas incomparáveis, belezas que devem ser valorizadas e realçadas pela acção e pela obra dos homens.

Não era necessário o meu testemunho para se conhecer a auloria destas palavras, pois a maneira como até hoje foram respeitadas e cumpridas, não deixa dúvidas de que só podiam provir de Homem de extraordinária envergadura moral, porque nele convergem os mais elevados sentimentos de honradez, equidade, insenção e justiça.

Nesta linha de pensamento tem «O NORTE DO DISTRITO» marcado posição de relêvo na defesa dos interesses do concelho e de toda a região, podendo congratular-se pelos êxitos alcançados, quer no desempenho dessa missão, quer evidenciando-se

— A Pagina 4

Secretaria Judicial

José Brito Telhada

Depois de alguns anos da sua promoção à 2ª classe, foi agora colocado na Comarca de Pombal o nosso prezado conterrâneo Senhor José Brito Telhada, Chefe da Secretaria Judicial.

Tendo aqui iniciado a sua carreira como copista, também aqui foi aluno distinto da escola Secundária, onde concluiu o 2.º ciclo liceal.

Passando pelo tribunal de Ferreira do Zêzere, aqui voltou como escrivão e mais tarde passou a chefiar a Secretaria, revelando-se sempre funcionário íntegro e sabedor, qualidades que lhe têm grangeado a consideração e amizade de magistrados, Advogados, colegas, e público em geral.

A sua irrepreensível conduta social vai agora, também, em Pombal, proporcionar-lhe, certamente, a mesma simpatia de aqui continuará a gozar.

lamente a sua ausência, felicita o Senhor José Brito Telhada, por saber que esta nomeação veio ao encontro dos seus desejos.

Narciso da Conceição Santos

Foi colocado no lugar de Chefe de Secretaria Judicial da Comarca de Figueiro, o nosso prezado amigo e conterrâneo, Sr. Narciso da Conceição Santos.

A sua nomeação para aquele lugar foi recebida nesta vila com o maior regozijo. É que o Sr. Narciso Santos, que aqui iniciou a sua carreira como funcionário de justiça na década dos anos trinta, aqui a prosseguiu, com um pequeno interregno em que serviu a justiça nos serviços de inspecção, conseguiu sempre, pelo seu trato delicado e competência indiscutível, facilitar as relações do público com a sua repartição, quantas vezes simplificando aquilo que para os utentes dos serviços se afigura complicado, mas agindo sempre na rigorosa observância da lei, qualidades que o têm imposto a consideração de Superiores hierárquicos, e à estima geral.

«O Norte do Distrito» cumprimenta e felicita o íntegro funcionário de justiça, fazendo votos pela sua longa permanência na nossa Comarca.

No Serviço da Pátria

José da C. Barreto Napoleão

Regressou da Guiné, depois de terminada a sua comissão militar naquela província o Sr. José da Conceição Barreto Napoleão, furriel miliciano.

Cumprimentamo-lo pela felicidade da sua missão.

Os Soldados da Paz Tiveram Feliz Natal

Felizes dos povos que neste mundo materialista, em tempos conturbados como aquele que vive a actual geração, ainda encontram momentos para reconhecerem e dignificarem os valores humanos. Foi essa lição de reconhecimento e de gratidão que os figueiroenses deram a quem dela tenha tido conhecimento.

Autoridades administrativas, individualidades do mais elevado prestígio, advogados, médicos, empregados e empresários da classe comercial e industrial, funcionários públicos, e a presença sempre gentil de Senhoras, honraram, num jantar de confraternização e homenagem, esses heróicos Soldados da Paz que, sem nada exigirem se entregam de alma e coração á defesa de um a sociedade que nem sempre compreende o seu altruismo, mas em que os figueiroenses pelo contrário, mais uma vez desmostraram os seus sentimentos de amizade pelos Bombeiros.

Mais de cinquenta pessoas representativas das quatro freguesias, de todos os lados, mesmo das povoações mais recônditas do concelho, vieram juntar-se à homenagem que em feliz iniciativa uma Comissão organizou com o aplauso unânime deste povo admirável da nossa terra.

Individualidades da mais elevada categoria social desta vila e concelho, estiveram presentes...

O Sr. Presidente da Câmara depois de proferir algumas sentidas palavras alusivas ao acto, fez a chamada individual de cada bombeiro a começar pelo comandante e simultaneamente pediu a alguns dos presentes para lhe entregar um envelope com 1500 escudos que coubera a cada um, produto de uma subscrição que a Comissão abriu a nível concelhio, patrocinada pelas juntas de freguesia com a colaboração dos regedores e cabos de ordens, além de um grupo de gentis meninas que actuaram na vila.

Colaboraram na entrega dos envelopes, a pedido do Sr. José Simões de Abreu, os Senhores Doutores Ernesto Lacerda, Luís Frias, Alberto Teixeira Forte; Henrique Vaz Lacerda; Presidente da Direcção dos Bombeiros, Sr. José Guerreiro Machado, Chefe da Secretaria da Câmara Sr. José Abreu Nunes, Vice-Presidente da Direcção Sr. Fernando Pires, Presidente da Casa do Povo, Sr. José Rosa Arinto, Presidentes das Juntas de Freguesia, Senhor Artur dos Santos Mateus, António da Piedade Pais, José Henriques Baião e João Morais Rosa; Regedores, Senhores Manuel Simões de Almeida, Augusto Simões, Mano em representação do regedor de Arega e José da Costa Simões (Jó); Vogais da Assembleia Geral e Conselho Fiscal dos Bombeiros, Senhores Lúcio Lopes dos Santos e Vasco da Conceição Silva.

Também intercaladamente, tiveram a gentileza de fazer entrega de envelopes, as Senhoras D. Licínia de Abreu, D. Henriqueta Teixeira Forte e D. Maria de Lurdes da Silva Machado.

Feita a distribuição, usou da palavra o Senhor José Guerreiro Machado, que em determinada altura entregou ao Sr. Presidente da Comissão Sr. Simões de Abreu, em nome da Direcção dos Bombeiros a que preside, 5000\$00 destinados a nova distribuição ou à aquisição de fardas de que alguns carecem, conforme deliberação da Comissão, importância que—disse—foi angariada num círculo de amigos seus.

Para agradecer, usaram da palavra o Subchefe José Mendes e, finalmente o comandante Manuel Simões Telhada. Todos os oradores brilharam pela sinceridade que impregnaram nas suas palavras.

Os aplausos que receberam, deverão ser estímulo para novos e generosos cometimentos.

CASA DA CRIANÇA

Com o patrocínio da Junta Distrital de Leiria, a Casa da Criança de Figueiro dos Vinhos continua a prestar relevantes serviços a educação infantil do nosso concelho.

Há sobretudo, nesta obra, um aspecto enternecedor—o

convívio que se proporciona às crianças provindas de lares modestos com outras procedentes de casas mais abundantes onde o rigor de princípios cívicos é mais apurado.

Desde de Outubro do ano

— A Pagina 4

"Cá e lá más fadas há"

Numa paragem, a poucos quilómetros de Torres Novas, um numeroso grupo de passageiros aguardava a chegada da Carreira de autocarro entre Lisboa—Belo que partirá da Capital do País às 9h 20m.

Era segunda feira, dia do mercado semanal naquela vila e, certamente, a maioria, se não a totalidade das pessoas que pretendiam embarcar, dirigia-se para ali.

Chegado o autocarro, este parou e, abertas as portas automáticas, a massa humana aguardante dividiu-se, desordenadamente, em duas ondas, investindo cada uma delas, em febril agitação, no sentido de uma das portas para tomar de assalto os lugares vagos existentes no autocarro. Mas como as portas, pela sua estreiteza, não podiam dar passagem senão a um assaltante de cada vez e em cada uma delas, deu-se o caso dos dois mais avançados de cada onda, de certo, os mais bem dotados de recursos físicos ou menos respeitadores dos direitos alheios, quererem fazê-lo, simultaneamente. Resultado previsto: ficaram entalados entre os batentes pois nenhum, por censurável teimosia, queria ceder ao outro a precedência na entrada, tal como o macaco que, metendo a mão fazia por um orifício de diâmetro com medida exactamente, igual ao dela, aberto na superfície de um coco onde, após, se deitou milho, preferiu deixar-se aprisionar do que largar o milho que lhe enche a mão e impede a saída por excesso de volume. Os indígenas africanos utilizam esta armadilha para caçar os símios.

Pois é verdade: os dois teimosos, de olhos esgazeados chamejantes, rostos congestionados, dentes cerrados e rosnadores, músculos, retesados, fatos amarratados e mangas arregaçadas, mimosavam-se com violentos encontros, no intuito de cada um deles conseguir passagem livre para si. Passaram-se alguns momentos sem que a vitória sorrisse para um ou outro. Mas como, segundo o rifão, «Não há bem que sempre dure nem mal que não acabe», um deles, ou porque o seu safanão foi mais forte ou a sua esperteza mais raposina, alcançou o almejado triunfo, deixando, ao mesmo tempo, o caminho desimpedido para o seu rival.

O campo de batalha e a luta foram, num abrir e fechar de olhos, retomados por outros dois assaltantes. As peripécias e as consequências foram, precisamente as mesmas.

Devo dizer que, na outra porta do autocarro, se estavam travando batalhas indênticas.

Desta sorte, o embarque foi demorado porque a entrada de todos os passageiros não foi ordeira mas, antes, disputada pela força dos músculos reforçada por por rajadas de invectivas.

Todavia, por mal dos nossos pecados depois destes dramas ou comédias (não sei bem como classificá-los) nós os passageiros, que já vínhamos embarcados, fomos testemunhas oculares e auditivas de outro espectáculo, igualmente, edificante: o jogo das cadeiras. Como o número de lugares vagos era inferior ao dos heróis, aí os temos, outra vez, dentro do autocarro a fazer uso da força física e da indelicadeza para disputar, de novo, aqueles pois sabiam que os que ficassem de pé por não ter lugar onde sentar se, perdiam o jogo que, neste caso especial, correspondia ao desembarque para continua-

rem, na paragem, a aguardar outro transporte, cosa o houvesse.

—E qual foi a atitude do condutor perante emergência tão lamentável? — perguntar-me-ão os meus prezados Leitores.

—Foi simples—respondo eu. Dirigindo-se aos novos passageiros que tinham entrado pela porta da frente que, conforme o Regulamento, se destina exclusivamente, a saídas, disse-lhes:

—Os senhores são como as ovelhas que entram por todos os buracos que encontram abertos. Informo-os de que todos os que não tiverem lugares vagos para se sentarem têm que desembarcar. Foi o que, infelizmente, a sorte reservou para um pequeno número deles.

Manda a justiça que se diga que a deficiência ainda existente na educação cívica do nosso Povo não é um exclusivo de Portugal.

(Concluiremos no próximo número)

João Rodrigues Dias

Filarmónica Figueiroense

Estamos a poucos dias do início do ano, e já a Filarmónica está a ser contactada e contratada por vários comissões de festas para ir abrilhantar estas em diversas povoações.

Como é óbvio, não lhe é possível estar em mais que um lugar, no mesmo dia. Tem todo o interesse em fazer es do concelho ou da região, e por isso dar-lhe-à prioridade.

Estes factos que aqui relatamos, deverão constituir um alerta para os festeiros que só se «lembram da Santa Barbara quando ouvem trovejar», e quando chega a hora de quererem contratar a música são forçados a ver a «Banda passar» para longínquas terras e obrigados a ir também a terras distantes contratar Bandas, se não quiserem fazer festas de tipo «baptizado» com altifalantes e música de feirantes.

Notícias DE AREGA

BAPTIZADO

No dia 24 do mês de Dezembro, na Igreja Paroquial desta vila recebeu o primeiro sacramento a gentil menina Paula Cristina Simões Martins extrema-filhinha da Senhora D. Maria Silvina Simões Martins e do Sr. Adriano da Silva Martins, naturais desta freguesia há anos radicados em Lisboa.

O acto religioso que foi presidido pelo Rev. Padre José Escarpoupa, foi apadrinhado pelos avós da neófito, Senhora D. Maria da Conceição Graça e Sr. Carlos de Jesus Simões.

Taça Café Cardoso

O Café Cardoso resolveu instituir no presente Campeonato Distrital de Futebol dois prémios destinados aos primeiro e segundo mercadores da Desportiva, a fim de estimular os nossos jogadores.

O primeiro prémio é constituído por uma valiosa taça, e o segundo por um objecto a designar.

Joaquim Ferreira

Na povoação de Cabeças, aldeia dividida por dois concelhos—Alvaiázere e Figueiró—na zona daquele, faleceu no dia 27 de Dezembro último, com 84 anos de idade o Sr. Joaquim Ferreira, considerado proprietário e impoluto cidadão.

Muito conhecido no nosso meio, onde gozava de geral simpatia, o Sr. Joaquim Ferreira foi activo reivindicador e meritoso colaborador na promoção da sua terra, e pena foi que a morte o tivesse privado de poder assistir à anunciada electrificação, que representará a cúpula das ambições daquela ubérrima parcela de dois concelhos vizinhos.

Viúvo da Senhora D. Emília Ferreira, o saudoso extinto era pai do nosso distinto amigo Sr. Padre Alvaro Ferreira, Rev. Pároco do Santuário do Senhor da Serra em Semide (Miranda do Corvo); Sr. Celestino Ferreira, casado com a Senhora D. Maria do Carmo Batista Antunes Ferreira; Aníbal Ferreira, casado com a Senhora D. Maria Rodrigues Dias; Senhora D. Maria Angela Ferreira, casada com o Sr. Jacinto Simões, todos residentes em Lisboa, e da Senhora D. Arminda Ferreira Gomes, casada com o Sr. José Gomes, moradores e proprietários em Cabeças.

Também era avô das Senhoras D. D. Filomena Ferreira Gomes, casada com o Sr. Manuel Simões David; Maria da Conceição Ferreira Gomes, Maria Celeste Ferreira Gomes, Maria Emília Dias Ferreira, Cristina Maria Dias Ferreira, e dos Senhores Alvaro José Ferreira Gomes, João Joaquim Ferreira Gomes, Alvaro Jacinto Ferreira Simões, Jorge Manuel Dias Ferreira, Manuel Aníbal Antunes Ferreira e Alvaro José Antunes Ferreira.

O funeral que se realizou no dia 28 para o cemitério paroquial de Maças de D. Maria, após a missa de corpo presente celebrada naquela freguesia constituiu profunda manifestação de pesar.

«O Norte do Distrito» apresenta sentidos pêsames a toda a família de luto.

CARNAVAL DE FIGUEIRÓ

Haverá carnaval em Figueiró. Foi esta a grande notícia da quinzena, que célere se propagou.

Começou por motivo de a Casa do Povo, dentro das funções de recreio lhe compete promover, manifestar o desejo de dar um pouco de alegria ao nosso povo, organizando alguns bailes na quadra carnavalesca. Foi então que voz mais animosa e optimista «sonhou» com uma coisa a nível concelhio ou regional. Depois de lançada a primeira ideia, tudo poderá acontecer. E como o carnaval é propício a surpresas, que venham elas de maneira a tornar Figueiró mais conhecido.

Emigrantes em Férias

De visita a seus familiares encontram-se entre nós os nossos prezados conterrâneos Manuel Ribeiro Martins, no lugar da Telhada, vindo do Luxemburgo; Armindo da Conceição Brito da Costa, no Salgueiro, que trabalha em França.

Em Azeitão encontram-se os Senhores Alberto Jorge e José Simões de Abreu; em Ponte de Simão Simão o Sr. Fernando da Conceição Mendes.

N. R.—Sempre que qualquer dos nossos prezados assinantes que trabalham fora do País se encontrem de visita à terra natal, teremos muito gosto em noticiar as suas férias.

A falta dessas notícias só poderá ser motivada pelo desconhecimento. Nesse sentido, pedimos a própria colaboração dos interessados fim de evitar a falta.

Padaria Santa Isabel

Soalheira

Completamente modernizada com água e energia eléctrica. Forno de aquecimento indirecto.

aluga-se

Tratar com Albano David
29 Square des Alpiès
78310 MAUREPAS—FRANCE
TELEF. 46 28 771

SOLAR

Restaurante — Snak-Bar — Café

Telefone 4 24 28

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

PRATOS DO DIA

Domingo Coelho à caçador

Segunda-feira Rancho

Terça-feira Feijoada à Brasileira

Quarta-feira Sela de porco à Solar

Quinta-feira Caldeirada de cabrito

Sexta-feira Mãozinha de vitela à primavera

Sábado Dobrada à Portuense

E ainda Diariamente Bacalhau à Solar

Amílcar Simões Ladeira

Depois de 21 anos de fixação em S. Paulo, Brasil, encontra-se de visita a seus familiares em Aldeia da Cruz o Sr. Amílcar Simões Ladeira, que vem acompanhado de sua esposa Senhora D. Maria de Lurdes Quaresma da Silva Ladeira, e de 3 filhas. Desejamos-lhes férias felizes.

Um Figueiroense numa Oficina de Mecânica na Damaia

O nosso conterrâneo Senhor Alvaro da Silva Costa, natural da vizinha povoação do Carapinhãl, depois de exercer a sua profissão de mecânico de automóveis nesta vila, e mais tarde em Castanheira de Pera como encarregado, iniciou agora o seu mister na classe patronal, na Damaia.

Associado a um colega do mesmo ramo com a especialidade de bate-chapas fundaram naquela populosa freguesia dos arredores de Lisboa, a oficina de reparações Auto Marcapor Lda, situada na Rua Heróis do Ultramar, 3 A.

Desejamos-lhe as maiores prosperidades para a sua iniciativa.

Império da Beira Automóveis, S.A.R.L.



HANOMAG QUALIDADE
HENSCHTEL SOBRE RODAS ...

A qualificada marca alemã ...

AGENTE NA MARINHA GRANDE E TODO O NORTE DO DISTRITO DE LEIRIA

ADELINO ANTUNES BARBEIRO

Largo Marechal Gomes da Costa, 61 - r/c — LEIRIA

Telefs.: Talho 22940 — Escritório: 22782 (Leiria)

S. Pedro de Moel: 91166 — Marinha Grande: 52311 (Resid.)

Campeonato Distrital — 1.ª Divisão

Condestável 4-Desportiva 0

A «Desportiva» foi S. Jorge (Porto de Mós) para disputar o primeiro desafio da sua participação no Distrital.

Não surpreendeu a ninguém a sua derrota, embora os prognósticos fossem, de uma maneira geral mais optimistas.

O condestável garantiu uma vitória que é incontestável, mas o resultado obtido não está, de forma alguma, de harmonia com o mau futebol praticado por qualquer das equipas. Quando dizemos mau futebol praticado, referimo-nos, evidentemente, ao jogo de conjunto, pois que, de qualquer dos lados houve excelentes jogadas individuais.

Apesar de tudo, se descontarmos a desatenção da defesa que originou o primeiro gol e a ausência de Manuel Maria, ainda não foi neste sector que a nossa equipa mais claudicou.

Sob a direcção de Sr. Fernando Nunes, auxiliado pelos Senhores João Custódio e Celestino Domingos, as equipas alinharam da da seguinte maneira;

Condestável: João, Brito, Augusto e Cardoso; Vieira e Ferrinho; Coelho, Peixinho, Quim Zé, Assis e Carlos.

Desportiva: Eugénio, Vasco, Romão, Fernando Conceição e Ernesto; Eurico e Tô-zé. Vitorino, José Teixeira, Fernando Manuel e Vitor.

Os visitados substituíram no 2.º tempo Peixinho por Santos, e Assis por Adelino.

Os visitantes procederam de igual modo quanto a José Teixeira e Fernando Manuel, por Saul e Silveiro, respectivamente.

O Primeiro golo, a que já nos referimos, surgiu antes de terminarem os cinco minutos iniciais com culpas para a nossa defesa.

O segundo foi uma daquelas pílulas amargas e indigestas com que o juiz da Partida nos «obsequiou». Eurico numa viragem de corpo é atingido no antebraço com a bola, mas o Sr. árbitro considera mão à bola e aplica castigo máximo.

Dai por diante verificaram-se várias inobservâncias das leis que regem o desporto Rei, mas, diga-se em abono da verdade, que foram distribuídas pelas actuações das duas equipas, mas sem influência flagrante para o resultado da partida.

Deve assinalar-se que a «Desportiva» não se sentiu desmoralizada pelo seu infortúnio e manteve-se até ao fim com o mesmo espírito de luta, e só por menos sorte não conseguiu o seu ponto de honra quase no fim.

Eugénio fez excelentes defesas, não se podendo classificar de «frango» qualquer dos golos sofridos. O trio Romão F. Conceição e Ernesto esteve muito batalhador, mas denunciou a velha pecha da falta de ligação.

Joga-se muito mas individualmente. Eurico fez o melhor jogo dos últimos tempos. Tô-zé esteve mais apagado que o costume.

Teixeira (depois Saul) Fernando Manuel (depois Silveiro), Vitor e Vitorino foram incansáveis no seu esforço individual, mas, da sua falta de ligação tirou partido uma defesa bem escalonada do adversário, em que se salientaram Brito Augusto e Cardoso, a justificar a inviolabilidade das suas redes, trabalho em que o guarda-linha pouco foi chamado a colaborar.

A linha de meio campo dos visitados demonstrou também falta de ligação na entreadua e na frente salientaram-se Santos

e Quim-Zé, que também foram autores dos golos.

Lamente-se ainda a deselegância do árbitro perante uma interrogação correcta e legal do nosso capitão de equipa. Mas o Sr. Fernando Nunes é que «tem os livros» e lá sabe como os deve «lêr».

Desportiva 0 - Pataense 4

Diga-se de pronto que se a vitória dos visitantes não tem discussão possível, também os figueiroenses pelo futebol que produziram não mereciam semelhante castigo.

Só por infelicidade não marcaram 2 golos que o esforço individual teve à vista.

E não é acereamente que falamos em esforço individual. Ele esteve visível a toda a assistência durante os 90 minutos de jogo.

Continuamos a denunciar a falta de conjunto e esse não é culpa dos briosos rapazes que têm dado tudo por tudo, salvo aqueles que faltando a treinos, dão origem a essa falta.

A Desportiva, como várias vezes se tem dito, não entrou nesta prova com grandes ambições, mas tem necessidade de se colocar no lugar que realmente lhe pertence. E se em alguma altura precisa de apoio de todos os figueiroenses, é agora, não basta dizer mal. Isso nada resolve. É preciso construir e não derrotar.

Equipas: Desportiva: Eugénio, Romão, Fernando Conceição, Vasco e Ernesto; Eurico e Jorge; Fernando Manuel, Teixeira (Saul) Vitorino e Vitor (Luís).

Pataias: Luciano, Camonha, Turíbio (Fernando) Macedo e Mota; Tomé e José Vieira; Tô-Mané, Sá, Gonçalves (A. Gonçalves) e Ferreira.

Arbitro: Sr. Leitão Soares, coadjuvado pelos Senhores António Freitas e Joaquim da Costa.

A arbitragem, não isenta de erros, procurou ser imparcial, embora nem sempre compreendida pelo público, quando não assinalou castigos, para não beneficiar o infractor.

Os golos surgiram aos 10 m. por Tomé, e aos 22, por Sá.

Na 2.ª parte aos 22 m. por A. Gonçalves e aos 35, por Macedo (grande penalidade).

Dos nossos jogadores não há que destacar.

Alguns não deram o rendimento habitual, mas como já afirmamos todos foram generosos no seu esforço.

O grupo visitante tem jogadores que se evidenciaram como Tomé e Sá, além de Turíbio que se lesionou no principio da 2.ª parte. Duma maneira geral todos dispõem de uma compleição física superior à dos nossos, e da qual souberam tirar partido, cultivando o sistema de choque que os nossos compreensivelmente procuraram evitar com excepção para Engénio, F. Conceição e Ernesto.

1.ª jornada

Condestável 4 - Desportiva 0	Pataense 4 - Biblioteca 0
Pombal 5 - Beneditense 0	Avelar 0 - Mirense 1

2.ª jornada

Desportiva 0 - Pataense 4	Biblioteca 0 - Pombal 2
Beneditense 2 - Avelar 2	Mirense 2 - Vieirense 1

Confraternização de viajantes

A simpática e considerada classe dos viajantes, que são os representantes do alto comércio junto dos retalhistas, promoveram este ano uma reunião de confraternização nesta vila, que culminou com um jantar servido no «Solar».

Para principiar, (pois que foi este o primeiro ano em que na nossa terra se realizou tão interessante festa) pode afirmar-se que foi coroada de êxito a bela iniciativa.

Bastava aquilo que, demonstrativo de espírito de camaradagem, ali se observou, para podermos dizer aos viajantes de Figueiró: Bravo! Valeu a pena.

Desta vez ainda nem todos quiseram participar, mas o certo é, que já se juntaram 25 homens que sendo de Figueiró, por naturalidade ou por adopção, aqui vivem.

Mas para além do cultivo da amizade, e camaradagem que já citamos, ficará deste Natal dos Viajantes um melhor conhecimento das pessoas entre si, com alguns aspectos válidos no comportamento lá por fora, onde o estímulo próprio da concorrência não deverá nunca, mas nunca, ofuscar a elegância das atitudes cívicas entre rivais, que, pelo facto de o serem não têm necessidade de serem inimigos, mas antes pelo contrário, dentro do respeito mútuo.

O viajante promove-se a si mesmo e dignifica-se perante o seu próprio cliente, tanto mais quanto for o valor do seu comportamento social dentro da classe.

A festa terminou com a entrega de uma lembrança, feita pelo Senhor Vitor Camozas ao decano dos viajantes figueiroenses Senhor Vitor do Carmo Correia, que este muito sensibilizado agradeceu.

Assim terminou em beleza uma festa que não deverá jamais perder continuidade.

Aníbal da Conceição Medeiros

A passar alguns dias de férias encontra-se nesta vila o Senhor Aníbal da Conceição Medeiros, furriel miliciano, que cumpre a sua missão militar na Guiné.

Baptizado

No dia 24 de Dezembro do ano findo, na Igreja Matriz desta vila, recebeu o sacramento do Baptismo o menino Alvaro Manuel, filho da Senhora D. Noémia dos Santos Bento Mendes e do Sr. Hermenegildo da Conceição Mendes, residentes no lugar de Agria Pequena desta freguesia.

O acto religioso, presidido pelo Rev. Padre Belarmino Soeiro, pároco da freguesia, foi apadrinhado pela tia Senhora D. Maria Fernanda da Conceição Mendes e pelo tio Sr. Alvaro dos Santos Bento. Ela residente em Ponte de S. Simão, e ele em Agria Pequena.

Ao Alvaro Manuel, desejamos as maiores felicidades.

Classificação

	J	V	E	D	B	P
Pataense	2	2	-	-	8-0	6
Pombal	2	2	-	-	7-0	6
Mirense	2	2	-	-	3-1	6
Condestável	1	2	-	-	4-0	3
Avelar	2	-	1	1	2-3	3
Beneditense	2	-	1	1	2-7	3
Biblioteca	2	-	-	2	0-6	2
Desportiva	2	-	-	2	0-8	2
vieirense	1	1	-	-	1-2	1

II Colóquio Nacional da Indústria da Construção

Vai realizar-se em Lisboa de 4 a 9 de Julho de 1973, por iniciativa dos Grémios Regionais dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte e do Sul, o II Colóquio Nacional da Indústria da Construção.

Subordinado ao título genérico «O Desafio da produtividade no IV Plano de Fomento», o Colóquio visa os seguintes objectivos básicos: a) detectar e tratar os principais problemas da indústria, formulando propostas para a sua resolução; b) estimular o aumento da produtividade mediante a melhoria das técnicas utilizadas, da organização das empresas e da estrutura empresarial do sector; c) fomentar a coesão entre vários industriais, dando-lhes consciência da sua importância na vida nacional; d) prestigiar a indústria perante os poderes públicos e a Nação.

Foram escolhidos três temas para debate: I—O Mercado; II—Industrialização e Estrutura Empresarial; III—Aspectos Legais e Regulamentares.

A organização espera a participação efectiva de todos os agremiados e intervenientes no processo da Construção, não apenas mediante a sua presença, factor essencial para o bom êxito do Colóquio, como também pela apresentação prévia de comunicações inseridas nos temas propostos e que virão a ser objecto de debate nas sessões do Colóquio.

No âmbito deste serão ainda promovidas visitas de estudo e exposições que reflectam a capacidade da nossa Indústria da Construção, o seu apetrechamento técnico e material e, duma maneira geral, as condições que lhe têm permitido responder eficientemente às solicitações inerentes ao desenvolvimento do

Agradecimentos

Maria dos Remédios Furtado, vem por este meio agradecer muito reconhecidamente a todas as pessoas que durante a sua doença, que a reteve no leito em sua casa e Coimbra, a rodearam de carinho, ou por qualquer modo se interessaram pelo seu estado de saúde.

Júlio F. de Oliveira Canário, ausente e Moçambique, perante o conhecimento que teve, embora se encontra-se a grande distância, da maneira como as pessoas amigas ou de simples relações suas e de sua mãe, Maria dos Remédios Furtado, procuraram por todos os meios ao seu alcance suavizar-lhe os seus padecimentos, a todos testemunha a sua inolvidável gratidão.

J. F. MARQUES

Relojoaria Ourivesaria

Av. da Igreja, 19-C—Alvalade—LISBOA

No limiar de 1973, felicita «O Norte do Distrito» pelos 20 vigorosos anos da sua vida, em defesa da região de Figueiró dos Vinhos. Iguamente cumprimenta e deseja Feliz Ano Novo, aos seus Clientes e a todos quantos o têm distinguido com a sua amizade.

Assine este JORNAL

País. Para o efeito, conta igualmente a organização com a máxima boa vontade e colaboração por parte dos agremiados.

Do programa provisório do Colóquio (que terá lugar no Laboratório Nacional de Engenharia Civil), constam, além das referidas sessões de trabalho, visitas de estudo e exposições, actividades de ordem cultural e de convívio.

Em vários locais da província vão ser efectuadas reuniões prévias de preparação do Colóquio, nos quais elementos ligados à organização dialogarão com industriais da região para um maior aprofundamento dos objectivos em vista e sua eficiente concretização.

Os interessados podem dirigir-se, para mais informações ou para efectuem as suas inscrições, às sedes dos Grémios Regionais dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte e do Sul, respectivamente na Rua Alvares Cabral, 306 - Porto (Tel. 20082) e na Rua António Enes, 9-5.ª-Lisboa 1 (Tel. 553195).

Assim vai por Campelo

Da Página 1

e, nessa nefasta e criminosa acção, a pôr em sobressalto e iminente perigo as vidas e os haveres dos seus próprios semelhantes.

Descobri-los, saber quem eles são será fundamental. Não é, porém, suficiente, pois é um dever elementar ensinar-lhes, pela forma legal mais adequada à sua miseranda acção, que como com o lume, com o fogo também não se brinca...

Referir este facto é evocar o grande incêndio de chamas altas que, em Agosto do ano há pouco findo, destruiu e transformou em infernal braseiro grande área de mato e pinhal dos limites de Vilas de Pedro, Aldeia Fundeira, etc.

Para apagá-lo, acorreu ao local o povo válido das aldeias próximas, e também nós lá andámos e vimos, de visu, gente abnegada, solidária, muita coragem e alicção, pois o fogo ameaçava destruir tudo. No combate ao incêndio também compareceram os bombeiros de Figueiró; e muito valiosa igualmente foi a actuação das avionetas e dos helicópteros dos serviços florestais, vindos da Lousã.

Péssimo ofício o dos «maus fogueteiros» dos incêndios. Bem poderiam ter escolhido outro fogo, outra luz, que lhes alumiasse a escuridão de pensamento ou, mais exactamente, as suas próprias sombras ou trevas!...

(Continua)

Algures, Janeiro de 1973.

Joselcampo de Matos

Pela Redacção

Eduardo da Silva Caetano

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta casa o nosso estimado amigo Sr. Eduardo da S. Caetano, de Aldeia Fundeira das Bairradas aproveitou a oportunidade de regularizar a sua assinatura e de seu filho Sr. Casimiro Martins Caetano, ausente em França.

20.º Aniversário

Da Página 1

sempre—transcendendo esse âmbito regionalista—a nível nacional, como órgão pendular muito válido de incondicional apoio à política de resurgimento nacional, operada em cerca de 40 anos de grandes comelimentos e extraordinárias realizações.

Quem alcançou o direito a uma vivência de 20 anos, trilhando o caminho difícil da pequena imprensa afora a incompreensão dos homens a as vicissitudes dos tempos e se nos revela ainda com o vigor e cariz salutar que todos reconhecemos, não pode ter apreensões quanto ao futuro. Podemos antever, por isso, para «O NORTE DO DISTRITO», à luz de um passado honroso, a continuação da sua caminhada firme e meritoria. E até que os homens procedam esta caminhada, como arautos do progresso e engrandecimento do concelho, da região e do País prosseguirá, por certo, «O NORTE DO DISTRITO» a apoiar, passo a passo, a sua obra, com o mesmo entusiasmo e isenção, como o tem feito até hoje.

No dealbar do longo período de vida deste jornal, formulamos animosos votos pela perenidade dos propósitos que fecundaram a sua criação e desejamos que encontre na realização legítima de todas as aspirações e necessidades da nossa Terra, matéria de sobejo para fazer transbordar as suas colunas de infindáveis Boas-Novas.

JAN.

Assim vai por CAMPELO

Mais um ano findou no rodar do Tempo—o de 1972. Ele não terá sido de todo mau para esta região de Campelo, pelo menos no tocante a alguns melhoramentos de interesse público local, que é nossa intenção também aqui referir.

Não se realizou, todos o sabemos, tanto quanto se desejara e ainda se deseja e é necessário. Mas, ao menos, não se parou, não se estagnou, e já isto significa que nalguma coisa se progrediu. Teve lugar, com efeito, a realização de melhoramentos imprescindíveis que, segundo algumas opiniões, nunca seriam conseguidos. Embora essas opiniões, sempre estivemos confiantes e fomos esperançosos também a tal respeito...

Se pensarmos que para se construir ou edificar seja o que for de bom tem de haver muito interesse—sobretudo desinteressado—pelos outros, e, também alguma real bondade a sublimar e a não permitir que esfrie o indispensável entusiasmo em tal sentido, melhor compreenderemos que tudo nesta vida custa muito a obter e que muitas canseiras, vigílias e até malévolas incompreensões são quase sempre o prêmio com que são distinguidos aqueles que, denodadamente e sem nenhum exclusivismo interesse pessoal, se esforçam para que algo de bom seja realizado para melhor e devido bem-estar de todos.

Ninguém ignorará que sem verdadeiro e não apenas aparente ou platónico interesse pelo seu semelhante nada de útil, de bom e duradouro se conseguirá.

Ora nada é fácil de conseguir para esta região de Campelo. E a aumentar as dificuldades intervêm até, às vezes, os elementos em fúria da Natureza, semeando e desolação, a tristeza, e trazendo ainda mais dificuldades a todos...

Assim aconteceu no último dia de Agosto do ano que findou há pouco. Violenta tempestade desabou cá sobre algumas povoações. O Torgal, o Porto de Oliveira, o Casal da Barreira, o Campelinho, a Ribeira Velha e Campelo foram as aldeias mais duramente atingidas e flageladas por aquele temporal.

A chuva diluviana, o ribombar assustador e medonho dos trovões, fazendo estremecer tudo e todos, e a fusilaria dos relâmpagos, riscando o céu de luz,

encheram cá todos de pavor: parecia, realmente, estar por cá a consumir-se o fim de tudo... Confiava-se, apenas, na protecção divina, pois a nenhuma outra protecção ou poder seria possível, em tal circunstância, preservar-nos ou defender-nos.

Os prejuízos foram elevados e mais débil e pobre ficou a já de si modesta economia desta zona rural, em vinho, em azeite, em produtos hortícolas e mesmo em terras de sementeira. Por carga de chuva assim diluviana e por muito tempo sem parar, as ribeiras de Alge e do Campelinho, ou ribeirinha velha, viram repentinamente avolumado o seu caudal que, galgando as suas margens, alagou hortas e lameiros com a força incrível dos mil riachos que de todas as vertentes em redor, ora em vertiginosa descida, ora aos saltos e quedas, correram a lançar-se nelas...

Depois, passado o mau tempo, o sol de novo brilhou, com que a mostrar o verdadeiro esplendor e sentido de beleza do mundo natural que Deus criou... Não perder a boa esperança; retomar o bom ânimo, mesmo frente aos reveses e infortúnios; e principiar de novo tudo, se necessário, foi para os mais esperançosos e convictos o bom sinal do Sol de novo a brilhar... E a vida mais uma vez recomeçou por cá, como era necessário, isto é, não no império das sombras, das dúvidas, nem na aparência das coisas, mas retomando o trabalho com verdade e honestidade de sentimentos e os olhos abertos para as boas realidades—as coisas que convêm por servirem a todos.

Este acontecimento dos elementos em fúria da Natureza também nos fez acudir à ideia que tudo deste mundo temporal em que vivemos é bem ilusório ou passageiro. E que também nestas paragens serranas a terra é um simples e frágil limite ou fronteira do céu, onde ainda qualquer ente humano sem Deus não é nada. Será, pensamos, um simples ser despersonalizado espiritualmente ou sem actividade autêntica para além daquilo que não seja a satisfação do seu próprio eu ou interesse egoisticamente pessoal.

Entes tais serão, talvez, aqueles «maus fogueteiros» que sempre andam por cá, no Verão, a incendiar os matos e os pinhais

A Página 3

O NORTE do DISTRITO

QUINZENÁRIO DE FIGUEIRO DOS VINHOS

1972/1973

A passagem de Ano velho para o Ano novo, é sempre motivo de festa familiar em muitos lares e em recintos públicos. No nosso meio a recepção aos novos anos que vão sucedendo aos velhos, quase se tem limitado às reuniões íntimas da família. Já lá vão mais de 10 anos que por iniciativa do Alfredo Reis, radicado na cidade da Beira, de visita a sua terra se organizou uma excelente passagem de Ano na Casa do Povo e mais tarde se realizou outra na Casa da Criança, cuja feliz organização não nos recordamos a quem pertenceu.

Desta vez foi notícia a passagem do Ano no «Solar», organizada por 3 jovens estudantes. José Machado, Tó-Zé Barreiros e Carlos Jorge Mendes. Pode desde já afirmar-se que o êxito foi total, e que só foi pena que as salas não pudessem comportar mais gente de harmonia com as dezenas de solicitações de inscrição.

Estamos até convencidos que só por falta de outras iniciativas do género, não se encheram mais duas ou três casas que dispusessem de salas próprias.

Nos meios que não estão preparados para receber estas iniciativas, especialmente pela falta de hábito, é natural que surjam as críticas: *umas bem intencionadas no aspecto de se julgar que podem prejudicar comercialmente a ou b., outras por um despeito mal contido. Mas, se realmente quisermos encerrar a iniciativa no seu todo, temos que encontrar um saldo extraordinariamente positivo. Senão vejamos: O Mundo precisa cada vez mais das boas relações humanas. Pois, nós, nesta terra relativamente pequena, todos os dias cruzamos com pessoas que sabemos muito bem quem são e nem sequer trocamos um cumprimento cerimonioso, ou mesmo de portuguesíssima salvação. Vizinhos que vivemos costas com costas.*

Ora naquela festa verificou-se que sem abusos, e medindo bem as distâncias que inevitavelmente há-de separar eternamente as posições, das diferentes hierarquias, classes e profissões, ali, todos de mãos dadas, sem pensar no posto que cada um iria retomar na vida prática, se irmanaram nos mesmos sentimentos de salutar fraternidade.

E até nos cumprimentos de feliz Ano Novo que copiosamente foram trocados ou simplesmente distribuídos, o exemplo veio de cima, numa confirmação de que temos excelente intuição para vivermos em sociedade, amando-nos uns aos outros.

A alegria da juventude é contagiante, e por esse motivo não foram apenas os novos que se divertiram ou viveram uma noite de felicidade integral. Desde as crianças aos mais idosos se notava boa disposição.

Não eram apenas as famílias figueiroenses. Mas, as de fora,—estavam cinco ou seis famílias distintas do vizinho concelho de Castanheira de Pera, que atraídas pela amizade que as liga às de cá, vieram até nós,—acrescentaram ainda mais vida e mais brilho à interessante festa.

Estão de parabéns os organizadores. O êxito da sua inicia-

O Telefone

Essa máquina de tortura

Não exageramos, caro leitor. É uma tortura do século XX. Se não nos tortura fisicamente, é porque opera espiritualmente.

Quem, actualmente, precise nesta vila de fazer uma chamada interurbana dentro de um raio de 100 quilómetros, é certo e sabido que esperará mais tempo que o suficiente para ir e voltar de automóvel.

Todos nós, os que pagamos esse deficiente serviço por elevado preço, e quantas vezes acrescido da taxa de urgência (P...) que o onera com insignificância de 100%, assiste-nos o direito, se não o dever de fazermos uma pergunta:

Quando é que a Empresa Pública, concessionária da exploração, resolverá melhorar este serviço que há anos a esta parte vem piorando dia-a-dia?

O já crónico desespero do aguardar horas e dias por uma simples chamada para Leiria, Coimbra, Tomar ou Castelo Branco, é na verdade, mais que arreliante,—é irritante.

Nesse clima de enervante estado de espírito dos indivíduos, pelo anacronismo de um serviço que funciona a passo de tartaruga, em flagrante contraste com a celeridade da vida moderna que tem obrigação de servir, surge, às vezes, graças a Deus, o bálsamo de uma voz mais ou menos fonogénica, mas acima de tudo delicada como convém, a justificar (à sua maneira, claro...) as razões da anomalia. O usuário dos serviços, perante a delicadeza da explicação e a gentileza da consideração que lhe foi dispensada pela funcionária, acalma e rende-se à evidência do insolucionável.

Mas a verdade é que, para maior complicação das dificuldades, ainda existem,—embora em número muito reduzido—e é pena que existam, funcionárias que, demonstrando lamentável falta de ingestão de uma infusão que se prepara com folhas de certos arbustos

Casa da Criança

Da Página 1

findo que a Casa da Criança tem na sua direcção uma excelente Educadora de Infância, digna sucessora da Senhora D. Maria Luísa Paiva Godinho Ferreira, que tantas saudades deixou naquela amoroza colmeia. Trata-se da gentil menina, (que nos seja perdoado o tratamento que é devido a sua juventude) Maria Blandina Caetano da Silva, vinda da progressiva freguesia de Benedita, concelho de Alcobaca, cujo trabalho tem sido extraordinariamente benéfico, compatível com o valor intrínseco da própria obra.

tiva deve ser estímulo para outras, mas então com conjunto musical, e que serd outra música...

teáceos, se aprazam em mimosar os interlocutores com grosserias mais próprias para vocabulário de carroceiro, salvo o devido respeito pela honrada profissão desta.

Esquece-se esta minoria (que o é, felizmente) de que os utentes do telefone são, como é óbvio, a única razão da existência da profissão que escolheram.

Para estas más funcionárias, e só para elas, talvez todos tivéssemos a lucrar se consultassem o médico assistente e ele lhes aconselhasse o Gerez Aquilo, deve ser fígado... e sempre era distante.

Para terminarmos com aquela sinceridade que o público merece e tem o direito de exigir de quem escreve para ele, temos que manifestar a nossa incredulidade, em parte, relativamente aos argumentos que diariamente nos são apresentados para justificar a impossibilidade de conseguirmos uma ligação urgente, durante uma tarde inteira.

E como justificamos essa incredulidade?

Algumas vezes nos tem sucedido termos de desistir aqui, de chamadas pedidas há várias horas por termos de nos ausentar, e tentar as mesmas chamadas em terras próximas onde a marcação já é directa, conseguindo a ligação, quando não à primeira, à segunda ou terceira tentativas, pelo menos num espaço tempo nunca superior a 15 minutos.

Seja qual for a origem do mal, uma coisa é certa: Figueiro dos Vinhos reclama e merece um serviço de Telefones de harmonia com o movimento que possui e com as exigências do tempo em que vivemos.

F.P.

CASAMENTO

No dia 7 do mês corrente, na Igreja Matriz desta vila, realizou-se o casamento da menina Silvana Araújo da Conceição, filha da Senhora D. Armanda da Silva Araújo, e do Sr. Alberto da Conceição Augusto, residentes na povoação de Chãvelho, desta freguesia, com o Sr. Abel Mendes Clara, empregado do bar da Associação Académica de Coimbra, filho da Senhora D. Maria Helena Clara e do Sr. Manuel Mendes Clara, naturais da freguesia do Espinhal, concelho de Penela.

O acto religioso a que presidiu o Sr. Padre Belarmino Soeiro, Rev. arcepreste de Figueiro dos Vinhos, foi apadrinhado do lado do Noivo pela Senhora D. Maria Adélia Rocha Cassiano, e seu marido Sr. Bernardino Cassiano, considerado armazenista de Lanfícios nesta vila, e pelo noivo a Senhora D. Maria Elisa Portela e seu marido Sr. Serafim Antunes Portela, também naturais da freguesia de Espinhal.

Ao jovem casal que fixou residência em Coimbra, desejamos as melhores venturas.